

**ESPAÇOS E FRONTEIRAS DA “LIBERDADE DE EXPRESSÃO”
EM BLOGS NA INTERNET***

**SPACES AND BORDERS OF “FREEDOM OF EXPRESSION”
IN BLOGS ON THE INTERNET**

**ESPACES ET FRONTIÈRES DE LA “LIBERTÉ D’EXPRESSION”
DANS LES BLOGUES SUR INTERNET**

FABIANA KOMESU**

RESUMO: Neste artigo, proponho discutir a noção corrente de “liberdade de expressão”, comente associada a práticas de escrita na internet, a exemplo de *blogs*. De uma perspectiva dos estudos da Análise do Discurso, interessa-me observar questões de ordem linguística e discursiva que possibilitam a emergência de certos enunciados em rede, em meio à trama da multiplicidade das relações sociais que condicionam o(s) dizer(es) na contemporaneidade. De maneira particular, busco caracterizar as condições de produção da linguagem em rede, na constituição de espaço, entendido segundo problemática social (SANTOS, 1996, 2008), em sua relação com a História, compreendida segundo descontinuidades (FOUCAULT, 1997).

Palavras-chave: escrita; discurso; internet.

ABSTRACT: My aim in this paper is to discuss the current notion of “freedom of expression”, usually associated with internet writing practices, as for instance in blogs. From the perspective of Discourse Analysis, I am interested in examining issues of linguistic and discursive order which may favor the emergence of certain utterances online amidst the plot of the multiplicity of social relations which condition the sayings of contemporaneity. In particular, I try to characterize the conditions of production of language online, in the constitution of space, understood as a social issue (Santos, 1996, 2008), in its relation with History, understood as discontinuities (Foucault, 1997).

Keywords: writing; discourse; internet.

RÉSUMÉ: Dans cet article, j’étudie la notion courante de “liberté d’expression”, fréquemment associée aux pratiques de l’écriture sur internet, par exemple, celle des blogues. Du point de vue de l’Analyse du Discours, je m’occupe des questions de l’ordre linguistique et discursive qui peuvent favoriser l’émergence de certains énoncés dans le réseau à cause de la multiplicité des relations qui permettent que le(s) dire(s) apparaisse(nt) dans la société contemporaine. En particulier, je cherche à caractériser les conditions de

* Uma versão deste texto foi apresentada como parte da tese de doutoramento em Linguística, intitulada *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*, defendida em maio de 2005, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação da Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP), coorientação do professor Dominique Maingueneau (Universidade de Paris XII) e financiamento da CAPES. A produção deste artigo está vinculada ao processo CNPq 400183/2009-9, sob responsabilidade do Prof. Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília).

** UNESP, São José do Rio Preto (SP), Brasil. <komesu@ibilce.unesp.br.>

production du language en réseau pour constituer l’espace, compris selon une problématique sociale (SANTOS, 1996, 2008), par sa relation avec l’histoire, comprise en discontinuité (FOUCAULT, 1997).

Mots-clés: écrit; discours; internet.

A INFORMAÇÃO DISSEMINADA

No início dos anos 2000, quando os *blogs* começaram a ter notabilidade como nova tecnologia de comunicação no cenário brasileiro, pensou-se que representariam a continuidade das páginas eletrônicas pessoais (*home pages*),¹ como versões atualizadas do diário de papel. A facilidade para edição, atualização e manutenção dos *blogs* foi considerada um dos principais fatores para seu sucesso e sua difusão como “ferramenta de autoexpressão”. Aspectos textuais e discursivos que identificavam *blog* a diário íntimo – a exemplo de cabeçalho; de assinatura do texto; de conteúdo temático ligado ao cotidiano, a relacionamentos familiares, amigáveis, afetivos, enfim, à *narrativa do eu* (cf. OLIVEIRA, 2002; SIBILIA, 2003; SCHITTINE, 2004; KOMESU, 2004, 2005) – ainda podem ser encontrados na rede. Passados dez anos da “explosão” dos *blogs*, entretanto, o que se vê em relatórios de motores de busca² como Technorati (2009) é que o foco da chamada “blogosfera” está, em particular, em atividades de usuários profissionais, mediante, principalmente, *marketing* em redes sociais e monetização da informação propagada na internet. Avalia-se também o impacto dessa atividade de comunicação digital em eventos de ordem mundial (TECHNORATI, 2009; RECUERO, 2009), a exemplo da utilização de *microblog*, em meado de 2009, como modo de expressar a insatisfação dos cidadãos iranianos por ocasião da reeleição do presidente Mahmoud Ahmadinejad. Dada a censura imposta à imprensa daquele país e a expulsão de parte dos jornalistas estrangeiros, o clamor dos iranianos contra fraude eleitoral, prisão e mortes, apenas pôde ser “ouvido” via rede.

É, pois, em 2006 que surge o *Twitter*, rede social e serviço para *microblogs*, como são conhecidas páginas *web* que permitem ao usuário enviar e receber, da rede de contatos, mensagens de até 140 caracteres. O serviço, que pode ser feito pelo *site* do *Twitter*, por SMS³ e por *softwares* específicos de gerenciamento, ficou conhecido, inicialmente, por fazer com que o usuário respondesse *ao que está fazendo* naquele momento. Em língua portuguesa – mas não somente – as réplicas a essa pergunta ainda ecoam pela rede, com comentários evanescentes sobre mudança de móveis na casa, viagem à casa da sogra, dor de dente, falta de amor, em declarado exercício de exposição do privado ou íntimo. Fica evidente, porém, que a celebração dessa ferramenta, na atualidade, tem relação mais forte com o recente lema do serviço – *descubra o que está acontecendo neste exato momento, em qualquer lugar do mundo*. Filtro de notícias e informações, concentra usuários

¹ Da perspectiva da técnica, *home page* é página principal de *site*, a qual reúne conjunto de informações em multimídia, contidas em arquivo de hipertexto ou por ele referenciadas.

² *Motor de busca* é *software* projetado para encontrar informações armazenadas em documentos ou endereços de páginas *web*, com base em palavras-chave indexadas. A vantagem do uso de motor de busca é a redução do tempo necessário para encontrar a informação pretendida.

³ *Short Message Service* (SMS) é função disponível em aparelhos celulares, a qual permite ao usuário enviar e/ou receber mensagens alfanuméricas curtas. Em língua portuguesa, é popularmente conhecido como “torpedo”.

especializados em diversos temas e permite que o “tuiteiro” receba mensagem apenas de quem ele quiser e espalhe informações vindas de quem ele segue.⁴

Dados do *site Technorati* apontam para a existência de mais de 133 milhões de *blogs* em circulação, até 2009. Estima-se que, por dia, sejam criados 80 mil novos *blogs* (CATONE, 2010). O *Twitter*, por sua vez, é a segunda rede social mais acessada no Brasil, com oito milhões e 300 mil usuários (LEAL, 2009). Pode-se dizer que usuários de *blog* e/ou *microblog* escrevem sobre “tudo”: de literatura a cinema, música, mídia, política, economia, saúde, educação, meio ambiente, informática, culinária, (des)emprego, consumo, direitos/deveres do cidadão, denúncia contra crimes de toda ordem.⁵ Há também prática de plágio; calúnia, difamação, injúria; partilha de receita de bomba caseira e de técnicas de violência física e psicológica. Ao imaginar escreverem o que querem, usuários e não usuários dessas ferramentas enaltecem a criação de *espaço* em que a chamada liberdade de expressão seria facultada a todos. O fenômeno dos *blogs* – e, mais recentemente, dos *microblogs* – parece exemplar, neste caso, para refletir sobre efeitos de sentido (de poder) resultantes das relações entre linguagem e novas tecnologias. De uma perspectiva dos estudos da Análise do Discurso de vertente francesa (doravante AD), interessa-me problematizar (romper com) associações simplificadoras entre *espaço* (facultado pelo suporte material) e *potencial* (do sujeito) *para tudo dizer*. Assumo que o modo de enunciação em *blogs* constitui-se como *espaço* regido por Formação Econômica e Social, cuja base de explicação, segundo Santos (2008, p.22), é a produção, “trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta”.⁶

1. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO(S) DIZER(ES)

Esta reflexão sobre práticas de escrita na internet está relacionada a tese de doutoramento em Linguística, defendida em 2005 (KOMESU, 2005),⁷ e também a projeto de

⁴ O *Twitter* também é conhecido como “mural de classificados” e serviços na internet. Segundo Leal (2009), *sites* de emprego e as próprias empresas têm divulgado vagas antes oferecidas apenas nas respectivas páginas eletrônicas. Empresas e corporações também têm utilizado o serviço do *Twitter* como forma de promover e vender produtos *on-line* (LEAL, 2009). Da perspectiva das instituições públicas, ministérios, secretarias estaduais e municipais, universidades têm se valido do serviço com a *função explícita* de divulgar informação para os cidadãos. Do ponto de vista do *funcionamento implícito*, observo que se trata de importante apropriação de espaço de dizer na rede.

⁵ Blogueiros e tuiteiros expressam (sua) opinião mediante práticas de escrita digital, mas também por outras semioses (som, foto, animação, cor, *design*), com auxílio de diversos suportes materiais (celular, câmera/filmadora digital, gravador portátil) que constituem a produção de sentidos.

⁶ Santos (1996), retomando Debray (1993), lembra que “a mídia, antes de ser comunicação, é espaço”. Para o geógrafo, “a percepção do espaço está ligada à velocidade das pessoas, das coisas e das mensagens. O espaço distingue-se, certamente, em função do grau de fluidez entre coisas, objetos, mensagens. Então chegamos a este final de século em que somos capazes de participar da contemporaneidade simultânea” (SANTOS, 1996, p.178).

⁷ No estudo, iniciado em 2002, acompanhei, por meio de leitura, 150 *blogs* de escreventes brasileiros, dentre os disponíveis em rede para livre acesso, em um período de seis meses. Desse conjunto, selecionei 53 *blogs*. O trabalho foi fundamentado na hipótese de que a escrita dos *blogs* emerge em meio a *condições de produção do discurso* que possibilitam práticas sociais de exposição pública da intimidade – como narrativas sobre cotidiano e histórias pessoais – no espaço de interação da internet. Propus refletir sobre

pesquisa mais amplo, desenvolvido de 2005 a 2009, em que se estudou a relação fala-escrita em enunciados produzidos em contexto digital (KOMESU, 2009). De modo distinto do determinista ou do neutralista/instrumental, os quais, de acordo com Buzato (2006), produzem a crença de que a informatização seria o equivalente do desenvolvimento lógico-científico, independentemente das relações entre sujeitos e práticas sociais envolvidas em seus usos, acredito que as produções textuais verbais e não verbais são constituídas em processo dialógico fundado no contexto social e histórico. A discussão sobre práticas de escrita em *blogs* e *microblogs* envolve reflexão que não é apenas tecnológica, no sentido de dispositivo material, mas também linguística e discursiva. Proponho, pois, pensar as condições de produção do(s) dizer(es) na rede, as quais permitem a emergência de modos de enunciação segundo possibilidades da língua(gem) e de acordo com temas/assuntos possíveis de ser enunciados nas esferas de comunicação social. Trata-se, portanto, de perspectiva diferente daquela que advogaria a causa da “liberdade de expressão” na internet.

Com efeito, a noção de *condições de produção* (doravante CP) tem sua primeira definição empírica geral, no domínio da AD, com os trabalhos de Pêcheux (1990; cf. também COURTINE, 1981). Para Pêcheux, “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas”, que sobredeterminam as ações dos sujeitos, mediante *relações de força*, existentes entre os elementos antagonistas de dado campo de atuação (em sua teoria, o campo político, por excelência), e *relações de sentido*, nas quais é produzido. “Assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ‘orquestra’ os termos principais ou anula os argumentos” (PÊCHEUX, 1990, p.77).

Em sua releitura do clássico esquema informacional de Jakobson, Pêcheux propõe a substituição dos pólos do remetente e do destinatário por dispositivo em que as *situações* são desdobradas em *representações imaginárias* das *posições* do locutor e do interlocutor. Para Pêcheux e Fuchs (1990), as regras de projeção dessas representações imaginárias no discurso encontram-se condicionadas por formações sociais e relações de classe, como descritas pelo materialismo histórico (PÊCHEUX E FUCHS, 1990, p.165 e ss.). Elas se constituem, pois, mediante *já-dito* no processo discursivo, o que se opõe à tese fenomenológica de “apreensão perceptiva” por parte do referente, do outro ou de si mesmo (PÊCHEUX, 1990, p.85). Não se trata da transmissão de informação de pólo a outro, como designado no esquema de Jakobson, mas do estudo do discurso como *efeito de sentidos* entre sujeitos (PÊCHEUX, 1990, p.82).

Para o que me interessa, a noção de condições de produção é importante na medida em que coloca em evidência a relação constitutiva entre língua, sociedade e história. O objetivo da assunção dessa noção é discutir, de uma perspectiva linguístico-discursiva, a emergência de dizer(es) em *blogs*. Em trabalho já citado (KOMESU, 2005), observou-se, na análise de conjunto de material, em *blogs* de pessoas ditas comuns (não consideradas celebridades ou personalidades em determinado grupo), “quase esvaziamento” da linguagem

o fato de que o modo de enunciação dos escreventes de *blogs* é caracterizado pela relação dinâmica entre a publicização de si e a intimidade construída com o leitor, relação que é estabelecida mediante a instauração de um lugar de visibilidade do enunciador em uma *cenografia* da intimidade compartilhada com o coenunciador. A prática dos *blogs* que são associados aos diários íntimos engendra elementos verbais e não-verbais que retomam, na qualidade de *ruínas do enunciado genérico*, a intimidade pressuposta na prática diarista, mas segundo *efeitos de poder* distintos, como procurarei explicitar neste artigo.

no recurso à banalidade do cotidiano; os comentários emitidos por leitores de *blog*, por sua vez, também não se distanciaram do *lugar-comum*, do emprego de clichês e chavões. Retomarei esta questão adiante. Em análise preliminar de conjunto de enunciados coletado no *Twitter*, foi possível observar que o fato de essa rede social congregar usuários especializados em determinados assuntos, visando a atrair a atenção de seguidores (RECUERO, 2010), faz com que a produção dos enunciados seja caracterizada, principalmente, por notícia ou recensão breve de expertos – aparente solução para a questão de filtragem de informação, apontada por Eco a propósito dos riscos na internet (ECO, 2002); problema evidente para a questão da concentração de informação, visto que, em pesquisa recente publicada pela revista *Info Exame* (LEAL, 2009), foi apontado que apenas 5% dos usuários do serviço são responsáveis por 75% de todas as mensagens postadas no sistema. Permanecem, ainda, em circulação no *Twitter*, enunciados necessariamente marcados por emoção e juízo de valor explícitos, enfim, marcados pela expressividade da subjetividade do escrevente.

Parece claro, em *blogs* e em *microblogs*, mas também em outras práticas em exercício na sociedade, o valor atribuído a informação especializada vinculada à visibilidade de traços da intimidade em público. Procuo, pois, discutir a quais restrições uma tal constituição da subjetividade está submetida para a emergência do dizível na rede. Acredito que o pesquisador que leva em consideração a complexidade do fenômeno linguístico, em sua relação constitutiva com outros “discursos possíveis”, apenas pode enriquecer a análise do objeto, restituindo-lhe, pelo menos, parcialmente, a complexidade de que é (e)feito.

Avalio a pertinência da proposta de Pêcheux (1990) a respeito do conceito de condições de produção e proponho, a partir daí, avançar com a discussão a partir da apropriação de conceitos trabalhados por Foucault (1997). Como é sabido, Foucault teve parte de sua produção acadêmica utilizada na reflexão sobre a articulação entre língua e discurso. Importa-me ressaltar que um dos principais propósitos dos trabalhos de Foucault é explicitar as *condições históricas* para o aparecimento de objeto de discurso. O discurso, em Foucault, “não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo” (FOUCAULT, 1997, p.61-62).

Ressalto que as condições históricas por Foucault referidas são fundadas em uma *teoria das sistematicidades descontínuas*, a qual resulta em não fixidez, em não permanência (de sentidos). Biroli (2008) chama a atenção para o fato de que Foucault é um dos autores que, no século XX, se preocuparam em romper com a história-continuidade ou história-reminiscência, ou seja, com o conceito de tradição, que no domínio da História remete às origens como *fontes de sentido*, ao ritmo de *progressão*. Ora, os estudos em Análise do Discurso não cessam de repetir, sob a égide dos estudos históricos, muitos deles ligados aos de Foucault, que o sujeito, em sua relação com a atividade da linguagem, não é *senhor de seu dizer*. Trata-se de premissa não-subjetivista da enunciação, um dos fundamentos da AD e da dimensão dialógica da linguagem.

Biroli discute que o conceito de discurso não pode ser dissociado dos de *história* e de *poder*, ao custo da perda de aspectos importantes das perspectivas assumidas por Foucault em relação à própria história e à historicidade (definida como a experiência que o sujeito pode ter de sua inserção na história) (BIROLI, 2008). Para Foucault, segundo Biroli,

a noção de história assume o valor de “contramemória”, na qual *dominação* e *violência* substituem o conceito de progresso. Ao contrário do que se poderia imaginar, porém, a dominação e a violência não são praticadas mediante noção de poder que castiga ou que impõe fronteiras. Foucault nega qualquer associação entre poder e repressão ou lei. O poder circula, funciona, transita pelo indivíduo que a própria instância de poder constitui. O poder encontra-se em toda parte “não porque englobe tudo”, mas, sim, “porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1999b, p.88-93). As relações de poder produzem “discursos de verdade”, que funcionam nesse poder, a partir e por meio dele. Os discursos de verdade constituem regras para a constituição do *verdadeiro*, para, entre outras coisas, *a produção de enunciados* e *o reconhecimento de seus sujeitos-autores*.⁸

No caminho indicado por Foucault, Biroli enfatiza a necessidade de buscar não sentidos, mas *efeitos de poder* na constituição dos enunciados. Procuo, pois, discutir como a ideia geral de *liberdade de expressão* aparece de maneira marcada em enunciados de *blogs*, em meio à profusão dos dizeres tomados, pelos sujeitos, como exercício individual de expressividade.

2. UMA SOCIEDADE IMPELIDA A FALAR

Sibilia (2003) e Schittine (2004) são autoras que formulam hipóteses sobre as condições de produção de escritos íntimos expostos na internet. Sibilia considera que há certo declínio de interioridade que costumava definir o *homo psychologicus*, em proveito de cultura do individualismo cada vez mais depurada e atravessada por modelos sedutores identitários, ditados pelo mercado. A hipótese de Sibilia é a de que computadores e redes digitais surgiriam como cenário para a colocação em prática da “técnica da confissão”, modalidade de construção da verdade, em vigor há séculos no Ocidente, estudada por Foucault (1976 *apud* SIBILIA, 2003, p. 144-147). Schittine (2004) discute aspectos que estariam relacionados ao surgimento dos *blogs*: o sempre citado exibicionismo e o desejo de visibilidade na sociedade; o voyeurismo proveniente da solidão; a possibilidade de se expressar com liberdade e para o público; o estabelecimento de uma relação de confiança entre “diarista” e leitor, se a distância física for fator de desinibição para quem escreve. Aliado a esses aspectos, Schittine avalia a importância do suporte material, o computador, como aparelho do individualismo moderno. A autora problematiza a introdução do aparelho no interior dos lares e o consequente aumento dos horários de trabalho em espaço físico que seria privado e destinado à família. Ao mesmo tempo, nos ambientes de forte relação com o público, como os próprios locais de trabalho, o computador permitiria a construção de esfera privada (não mais vinculada à família, mas a amigos), mediante atividades como a dos *blogs*. Para Schittine,

⁸ Segundo Biroli, a reflexão de Foucault sobre o poder possibilita chegar à crítica do conceito de ideologia. O conceito de ideologia pressupõe, segundo essa autora, oposição entre verdade e não-verdade, referência ao sujeito (da ação e da dominação) e posição secundária em relação a determinações materiais. Para Biroli, o modo como Foucault propõe pensar a noção de poder nega a produtividade desses três pontos constitutivos do conceito marxista de ideologia (BIROLI, 2008). Trata-se de observação importante, já que o conceito de ideologia de Marx é frequentemente utilizado – muitas vezes, reproduzido por meio da leitura do clássico *Aparelhos Ideológicos do Estado*, de Althusser – em trabalhos de Análise do Discurso.

a confusão entre a esfera pública e a esfera privada é justificada, dentre outros fatores, por questões sociais como o aumento do desemprego, a maior difusão do trabalho informal (uma das explicações para ter computador dentro do lar) e a necessidade de ter “tempo para si”. A hipótese de Schittine é a de que o usuário imagina ter encontrado esse tempo para si no uso do computador pessoal e da internet. Devido ao suporte material, há o “desdobramento” do tempo em “ambiente” (entendido como *espaço*) que permite às pessoas trabalharem e cumprirem suas obrigações diárias com a família e os amigos, além de cuidarem de seus próprios interesses (SCHITTINE, 2004, p.57-62).

A questão do suporte como fator para a emergência dos *blogs* é considerada também por Oliveira (2002). Para essa autora, a mudança de suporte dos diários manuscritos e impressos (papiro – pergaminho – papel) para o suporte computador implicou modificações importantes na “tradição do diarismo”. Oliveira defende que a mudança do suporte está vinculada à “ruptura com a ordem do privado”, dada a publicização do conteúdo desses “novíssimos diários”.⁹ O principal traço do *blog* é que ele seria escrito com a “intenção de ser publicizado”, sem a necessidade de intermediários para sua veiculação (OLIVEIRA, 2002, p. 191-192).

Concordo com parte das hipóteses levantadas por essas pesquisadoras de *blogs*. Há, de fato, fatores diversos, enumerados por essas autoras, relacionados às descontinuidades entre o público, o privado e o íntimo na sociedade atual. Da perspectiva dos estudos discursivos, acredito que a ação de falar de si, expressa em alguns *blogs* (*microblogs*, em diversas outras práticas sociais), é mais bem discutida a partir de uma aproximação do conceito de *vontade de verdade* que emerge das relações de poder instituídas na sociedade. Segundo Foucault (1996), a *vontade de verdade* é um dos sistemas de exclusão que atingem o discurso de maneira incontestável para os indivíduos, pois é ela que permite a constituição deles como sujeitos do (ao) discurso. Nem mesmo o discurso verdadeiro, que produz os enunciados, pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Talvez seja essa uma das características mais notáveis do conceito genealógico do poder em Foucault: o poder não é objeto natural – aparelho, instituição –, mas prática social, historicamente constituída a partir e através de todos os indivíduos de uma sociedade. Foucault explicita que não há poder que se exerça sem série de metas e objetivos; as relações de poder são, porém, ao mesmo tempo intencionais e não subjetivas. Desse modo, não se deve procurar a suposta *fonte* do poder – “nem a casta que governa, nem os grupos que controlam os aparelhos do Estado, nem aqueles que tomam as decisões econômicas mais importantes” (FOUCAULT, 1999b, p.90-91); no caso dos *blogs*, nem o Ministério da Ciência e Tecnologia ou o Ministério das Comunicações, nem o Comitê

⁹ Oliveira considera que a “tendência de a tensão privado x público se desfazer” já havia sido iniciada com a publicação de escritos íntimos de autores como Anne Frank, que manifestaram, em vida, o desejo de ter seus textos publicados (OLIVEIRA, 2002, p. 190). De meu ponto de vista, a *deliberação* sobre a publicação ou não de diários íntimos por seus escreventes não é argumento válido para a legitimação da *autoria* de uma obra. Há critérios outros, relacionados aos *posicionamentos* enunciativos dos sujeitos e às *relações de força* das *instituições*, que constituem a noção autor em uma sociedade. O fato de ter o texto veiculado como hipertexto não implica que ele será lido ou reconhecido pelo outro (POSSENTI, 2002; MELO, 2004).

Gestor da Internet no Brasil, nem o criador de *Blogger*, *Twitter*, de provedores de internet ou Bill Gates e Steve Jobs –; a racionalidade do poder, segundo Foucault, está em grandes estratégias anônimas, “quase mudas”, que se encadeando entre si delineiam *dispositivos* em conjunto do poder.

Portanto, a propósito do conceito de vontade de verdade, não se trata, aqui, de pensar os *blogs* como a instituição que definiria um *verdadeiro próprio* para a época atual. A utilização desse conceito por Foucault é aquela voltada a discutir as passagens históricas de um verdadeiro para outro. Nada de semelhante com relação aos *blogs*. O que se pode observar nesse ato (incessante) de falar é, por procedimento externo ao discurso, a localização do dizer em um verdadeiro não questionável – e até mesmo impalpável –, mas que se exemplifica em atos compulsivos de enunciação pelo retorno do *já-enunciado*, por procedimento interno ao discurso que é caracterizado, em seguida, pelo sentido particular que dou ao conceito de *comentário*, proposto por Foucault.

Ainda a respeito da vontade de verdade em *blogs* – acredito que o mesmo fenômeno possa ser pensado para o caso dos *microblogs* –, destaco que ela dá lugar ao fazer repetido que caracteriza esse modo de enunciação, tomado como atos ritualísticos que mais significam por seu *fazer* do que por seu *dizer*. Pode-se pensar, quando muito, numa afirmação de uma vontade de verdade pela denegação de horizonte para o verdadeiro. Não se trata, pois, de estabelecer um verdadeiro, mas de fazê-lo emergir na multiplicidade de atos de sua repetição. A vontade de verdade deixa-se observar, portanto, mais como procedimento interno ao discurso do que como luta pelo estabelecimento de um verdadeiro a se legitimar.

A propósito da noção de *comentário*, Foucault (1996) observa que é um dos procedimentos de controle e delimitação dos discursos nas sociedades; por meio dele, ocorre uma espécie de desnivelamento entre o texto *primeiro*, discurso que estaria na origem de certo número de atos novos de fala que o retomam, o transformam ou dele falam, e o texto *segundo*, discurso que “se diz” na banalidade da ação cotidiana, e que passa com o próprio ato que o pronunciou.

Interessa-nos destacar, com Biroli (2006), dois aspectos relacionados à noção de comentário e seu funcionamento no âmbito discursivo. De um lado, o comentário, como procedimento de “ordem do discurso”, estabelece formas de positivação que produzem “o verdadeiro, o sensato”, isto é, “o que é *dizível* em circunstâncias específicas”. Trata-se, uma vez mais, de negar a busca das origens do dizer – ponto fundamental para os estudos da Análise do Discurso – e da tradição na História, com a percepção das relações de poder que constituem os discursos – digamos, a linguagem – e a própria noção de história (BIROLI, 2006). De outro, importa-me ressaltar que o paradoxo do comentário em Foucault está no desnível entre o texto primeiro (“aqueles que são retomados inúmeras vezes, demonstrando permanência”) e o texto segundo (“os *comentários*, que podem, por vezes, tomar o lugar de ‘textos primeiros’ sem que, no entanto, o desnível entre esses dois funcionamentos dos discursos se desfaça”) (BIROLI, 2006, grifo no original). O paradoxo da noção de comentário, segundo o autor, seria permitir que se diga algo além dos textos já-ditos, “mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado”, restringindo o novo, não ao que é dito, mas ao “acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996; BIROLI, 2006).

A aproximação da noção de comentário me parece produtiva para o estudo dos *blogs*. Utilizo a noção de comentário numa tentativa de operacionalização do conceito elaborado por Foucault, que, como se sabe, na qualidade de procedimento interno ao discurso, aplica-se à relação entre textos de domínios bem estabelecidos, como o jurídico, o religioso, o literário, o científico. Na operacionalização que proponho, procuro captar a *raridade* dos discursos, colocada em evidência por Foucault mediante a noção de comentário. Para o autor, os comentários reintroduziriam um *já-dito* caracterizado como aquilo que é passível de repetição no interior de discursos já-institucionalizados. Como trato de modo de enunciação que não apresenta contornos tão claramente estabelecidos como os de outros domínios legitimados da produção do saber, tomo a noção de comentário – repito, de ponto de vista operacional – no sentido da *raridade* dos enunciados produzidos nos *blogs* em função de um repetível que ora se encontra no discurso do *lugar-comum*, ora se encontra em domínios discursivos mais claramente delimitados. Essa raridade dos enunciados se apresenta também nos *blogs* como *modo de interdição*, já que a necessidade (incessante) de falar define-se mais por *ser falado* do que *falar*. Não se leia, portanto, na noção de comentário o sentido inicial que o autor propôs.

As oportunidades de “falar” nos *blogs* são apresentadas como infundáveis – ou “indefinidas”, se se levar em conta a profusão de tipos de *blogs* existentes. O mesmo raciocínio parece poder ser aplicado no caso de *microblogs* na internet. Nos *blogs*, há, na escrita da banalidade do cotidiano, na escrita de informação replicada de fonte escolhida, uma *estranha repetição* do ser humano. A ênfase é na expressividade pública da vida (íntima, profissional) partilhada em âmbito global.

3. A LIBERDADE A(E)NUNCIADA EM BLOGS NA INTERNET

Levando-se em consideração o contexto social e histórico das novas tecnologias de comunicação e discursos que tornam concreta a atividade de dizer na rede, é de meu interesse discutir a noção corrente de *liberdade de expressão* associada a práticas de escrita no contexto digital. Os enunciados que analiso, de modo qualitativo-interpretativo, foram extraídos de fórum virtual de acesso público na internet. O excerto seguinte é réplica ao tópico *Limite dos blogs*:

Texto 01

P/ quê ter um blog se nele você não pode expressar a sua opinião sem ser censurado?

Quando deixo comentários não costumo omitir a minha opinião e se discordo critico mesmo. Acho importante a pessoa se informar a respeito do assunto se quiser criticar algo, para não correr o risco de fornecer informações falsas. Aí que está o problema. (Muitas pessoas falam do que não sabem)

Mas no dia que deixar de expressar minha opinião com medo de sofrer alguma “punição”, não vai ter sentido continuar blogando, pois estaria apenas interpretando mais um personagem e sendo totalmente hipócrita.

Liberdade de expressão acima de tudo!

(D., 29 abr. 2006.

Disponível em: <<http://www.interney.net/forum/>>. Acesso em: 16 ago. 2006)

Destaco a associação entre *expressão de opinião*, *liberdade de expressão* e *blog*. O suposto vínculo entre *liberdade de expressão* e internet é quase consenso nas sociedades que querem ser reconhecidas como digitais, por acreditarem se integrar ao processo de globalização proporcionado pelas novas tecnologias, mediante possibilidade de contato que não mais conhece as restrições antes impostas por espaço geográfico. Ao mesmo tempo, o distanciamento físico e a possibilidade de assunção de anonimato são quase sempre lembrados como condição para o exercício de uma capacidade individual de escolher com autonomia o que quiser, visando à satisfação de necessidades individuais, independentemente de *amarras* que determinariam o que é dito/realizado pelo sujeito.

De minha perspectiva, uma crítica primeira à noção corrente de liberdade de expressão em enunciados na internet (mas não somente) pode ser feita com base no conceito de língua(gem). Torna-se, de fato, impossível conceber *liberdade (irrestrita) de expressão*; isso se deve ao fato de toda atividade verbal pressupor, necessariamente, uma língua, como sistema de formas linguísticas convencionalmente estabelecido em um grupo e como modo de interação verbal social marcado pelo espaço e pela história. Assumir essa noção de língua implica pensar que a natureza social é obrigatória para todos os membros de uma comunidade, sob pena de se tratar de fenômeno natural e não de fenômeno humano (BAKHTIN, 1997, p.331).

Até mesmo o suposto “caos” atribuído a práticas de escrita como o chamado “internetês” – como ficou conhecido o português digitado na internet em determinados *chats*, *blogs*, fóruns virtuais, redes sociais – apresenta regularidades regidas pelo sistema de regras da língua e pelo modo de interação entre os sujeitos na atualidade.¹⁰ No caso de abreviaturas, por exemplo, Fusca (2008) busca mostrar que ocorrências de “tc”, “vc”, “blz”, “xau”, dentre outras, não estão fundadas, como se supõe no senso comum, na liberdade de o escrevente “transcrever” a fala na escrita, mas, sim, em processos formadores de natureza linguística, com predomínio de reduções gráficas, de acordo com organização silábica dos vocábulos originais. Em sua Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Fusca propõe refletir sobre a prática de abreviação em bate-papos virtuais como modo de *abreviar distâncias* (físicas, emocionais) entre sujeitos. Luiz Sobrinho (2010), por sua vez, ao estudar o uso não-convencional de vírgulas e de “quebra de linhas” em enunciados escritos em bate-papos virtuais, mostra como essas práticas de escrita são orientadas pela prosódia e pelo ritmo da própria língua, dentre usuários competentes, em nível linguístico-discursivo, para esse tipo de comunicação. Em parceria com Tenani, tenho procurado discutir que as práticas de escrita do “internetês” não são “interferência da fala” na escrita ou escrita “fonetizada”, tampouco são resultantes apenas do uso de certo suporte material ou de urgência do usuário ou da sociedade. De nosso ponto de vista, trata-se de possibilidade da língua e do discurso, mediante práticas orais/faladas e letradas/escritas, considerando-se a heterogeneidade como traço constitutivo da linguagem e das atividades verbais humanas (KOMESU & TENANI, 2009; 2010; no prelo).

¹⁰ Se alarmistas da “morte da língua portuguesa” na internet pudessem ter percepção e compreensão das regularidades linguísticas e, portanto, dos processos formadores das práticas de escrita na rede, a instituição escolar, talvez, pudesse ser mais aberta para acolher essas novas práticas, discutindo-as segundo suas finalidades de formação. A propósito da questão da “morte da língua” decorrente de seus usos diversos, ver os trabalhos de Canut (2007) e Ladjali (2007), em língua francesa, e Crystal (2005), em língua inglesa.

Considero, portanto, que a língua como sistema de regras sintáticas, fonológicas, morfológicas, semânticas, pragmáticas, discursivas, permite a emergência de determinadas estruturas, em detrimento de outras que simplesmente não teriam função na comunicação humana. Ressalto, pois, que o usuário de “ferramentas de autoexpressão”, como falante da língua, não pode dizer (ou escrever) tudo (ou qualquer coisa). É importante ressaltar que a ausência de *liberdade (irrestrita) de expressão* em *blogs* não se dá mediante *formas* (vazias) de palavras e orações submetidas a regras, mas segundo *enunciados* constituídos na língua segundo deslizamentos de sentido, apagamentos de significados, interincompreensão, confrontos entre formações discursivas e formações ideológicas.

Blogueiros creem que tanto na produção de *posts* quanto na de comentários é preciso fazer valer o (seu) ponto de vista, sem intervenção externa ou censura. Embora seja defensor da *liberdade de expressão, acima de tudo*, o sujeito escrevente *sabe* que há dispositivos que regulam as práticas sociais. Ao questionar o motivo de ter um *blog* se pode haver censura, e ao retomar que as pessoas apenas podem se pronunciar *se estiverem informadas, se não fornecerem informações falsas*, o sujeito escrevente do Texto 01 constitui-se na interdiscursividade que juridicamente regulamenta *liberdade de expressão*¹¹ e procedimentos para (não) emergência dos dizeres.¹² Não se trata, porém, como diz Foucault (1999b), de repressão, mas de *efeito de poder* resultante da *vontade de verdade* que emerge das relações sociais, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas, as quais tornam concretas práticas na contemporaneidade.

O Texto 02 é extraído do fórum de discussão citado anteriormente:

Texto 02

Desde que seja com argumentos plausíveis e maduros, a opinião a ser escrita em um blog não tem limites. Desde que seja com uma linguagem apropriada (quanto à questão de palavras e difamações) o texto pode sim ser veiculado na rede sem maiores problemas.

(A., 09 abr. 2006.

Disponível em: <<http://www.interney.net/forum/>>. Acesso em: 16 ago.2006.)

Destaco, no Texto 02, as ressalvas acerca das fronteiras para as práticas de escrita no espaço dos *blogs*. Para o sujeito escrevente, *argumentos plausíveis e maduros em linguagem apropriada* – ou seja, *sem palavras e difamações* – são critérios para a expressão da opinião pessoal, *sem maiores problemas*, em *blogs* na internet. Do ponto de vista discursivo, como delimitar o conceito de *argumento plausível e maduro*? Isso se deve ao fato de a linguagem ser fundada em um social que abrange as mais diversas práticas humanas, segundo interesses sócio-historicamente marcados na constituição das

¹¹ “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (artigo III da Declaração Universal dos Direitos Humanos); “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença” (Artigo 5º. inciso IX da Constituição Federal).

¹² “Ninguém será sujeito à interferência em sua vida privada, em sua família, em seu lar ou em sua correspondência, nem a ataque à sua honra e reputação. Todo ser humano tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques” (artigo XII da Declaração Universal dos Direitos Humanos); “é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem” (Artigo 5º. inciso V da Constituição Federal); “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação” (Artigo 5º. inciso X da Constituição Federal).

relações de poder entre os sujeitos. Por outro lado, como no Texto 01, o autor do Texto 02 reconhece que a liberdade de expressão atribuída à escrita digital *blogs* não é irrestrita. O autor *sabe*, por exemplo, que pelas práticas sociais o uso inapropriado de palavras ou a ação de difamação pode custar, ao responsável pelo *blog*, sanção penal, isto é, *problema* com a instituição jurídica.

Concomitantemente ao incentivo à expressão da opinião pessoal, há dispositivos e procedimentos regulamentados pelas sociedades, os quais limitam a emergência de quaisquer dizeres. Há fronteiras entre o aceitável e o inaceitável, entre o que provoca reconhecimento e o que leva à rejeição, que constituem modos de enunciação e formas de expressão, mesmo quando não se tem consciência de sua existência.

Retomo o Texto 01 para observar a afirmação elaborada pelo escrevente a respeito *daqueles que têm direito ao dizer*. Apesar de colocar em evidência as liberdades individuais, mediante concordância ou discordância dos temas, no terceiro parágrafo, o escrevente avalia a importância de a pessoa se informar sobre o assunto que vai criticar, sob o *risco de fornecer informações falsas*. A veiculação de informações falsas, segundo o escrevente, seria o principal problema dos limites de dizer nos *blogs*, já que *muitas pessoas falam do que não sabem*. A partir dessa afirmação, é possível pensar que pessoas que falam sobre assuntos desconhecidos não deveriam ter direito à expressão de sua opinião, pois representariam espécie de ameaça social, a qual agiria contra as verdades legitimadas pelas instituições. Pode-se, ainda, pensar que essa afirmação atribui ao próprio blogueiro liberdade legítima, fundada em um conhecimento que o investiria de autoridade diante daqueles que não a teriam. Há variações dessa projeção em *blogs* especializados e, atualmente, em *microblogs* no *Twitter*. É sabido, porém, da perspectiva dos estudos do discurso, que não há como falar/escrever e ser ouvido/lido por todos de maneira similar ou equânime.

Ocorre que a maioria dos textos que circulam por *blogs* é mera reprodução de textos coletados na rede. Aparentemente, o mesmo ocorre no caso de *microblogs*. Como o blogueiro *sabe* que a informação, sobre não importa qual assunto, é verdadeira ou falsa? Como elaborar, em *blogs*, *argumentos plausíveis e maduros*, para a legitimação do direito à enunciação? Os usuários costumam buscar fontes que eles avaliam como fidedignas, a exemplo de blogueiros/tuiteiros referendados pelo círculo da *web* e/ou pela grande imprensa; de portais de notícia; de *sites* de universidades renomadas, entre outras. Se a fonte selecionada diz X, reproduz-se X, na condição de *comentário*, com a certeza de que a informação é verdadeira e inquestionável. Ignoram-se, desse modo, os procedimentos de formação de dizeres e de saberes em práticas sociais, sobredeterminadas pelas relações de poder.

Manuais de redação de *blogs*, em circulação pela internet, recomendam aos usuários que o sucesso do texto eletrônico depende de conjunto de fatores, como: (i) resposta imediata aos comentários enviados por outros blogueiros; (ii) facilitação da leitura do texto do *blog*, com a inserção de textos não verbais; (iii) utilização de *links*, para que o endereço eletrônico também seja citado por outros *sites*; (iv) publicação incessante de textos, com *posts* enviados a todo o momento.

Parece pouco importante, no modo de circulação da opinião daquele que escreve, se ele refletiu sobre suposta verdade ou falsidade dos acontecimentos, ou sobre a complexidade de suas relações e, a partir dessa reflexão, foi capaz de construir um seu lugar de opinião, em

função dos confrontos sêmicos constitutivos das posições ocupadas pelos interlocutores. Chamo a atenção, pois, para o fato de o blogueiro acreditar que é livre para dizer o que quer, mas sua liberdade de expressão está condicionada à reprodução de verdades *já-ditas*, legitimadas pelas instituições sociais e, muitas vezes, por lugares comuns que permitem a interação e a identificação com os internautas. A profusão de textos sobre vidas individuais dos sujeitos e sobre infinidade de temas, na internet, não implica variedade de perspectivas e de pontos de vista sobre o mundo, mas a *raridade* de seu *comentário*, a relativa escassez e a homogeneidade de modos de dizer a vida e de refletir sobre as relações com o outro na sociedade.

4. DA NECESSIDADE DE FALAR: A IMPOSSIBILIDADE DE DIZER?

Sob a pressão do *tempo hegemônico* (SANTOS, 1996), buscam-se em *blogs* e *microblogs* condições ideais para que o sujeito possa exprimir o que bem entender. Trata-se, pois, da valorização de atividade verbal por meio da qual se imagina *tudo dizer*, efeito de uma sociedade em que o espaço digital é comumente concebido como *livre* das coerções que regem demais âmbitos sociais.

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”, indaga Foucault sobre a produção dos discursos (FOUCAULT, 1996, p.8). Acreditamos que *blogs* – a exemplo do que defende o autor para a produção dos discursos – são efeitos de poder de uma sociedade que positiva suas ações na consolidação da ideia de *liberdade de expressão* do indivíduo que tudo pode falar em público. O próprio meio, mediante serviços como os do *Twitter*, faculta novas formas de acesso à informação para que o indivíduo possa *comentar* ininterruptamente todo e qualquer assunto a todos (a qualquer um) na sociedade. Ocorre, porém, que cada vez mais ficam conhecidos processos por dados morais movidos contra blogueiros que criticam pessoas, produtos ou serviços. Mecanismos de busca mais eficientes rastreiam *posts* antes restritos a contatos do usuário (LEONARDI, 2005; MAMBRINI, 2009) e o *comentário* adquire nova dimensão na esfera jurídica.

Acredito que a *necessidade* (incessante) *de falar* qualquer coisa é modo de permanência dos sujeitos no campo da visibilidade na sociedade contemporânea. Essa necessidade de falar é radicalmente fundada na *impossibilidade* (histórica) *de dizer* (de *pensar*, de *criticar*) *o novo* na e pela linguagem dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M. (1959-1961). O problema do texto. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2.ed. Trad. feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.327-358.
- BIROLI, F. (2008). Dizer (n)o tempo: observações sobre história, historicidade e discurso. In: SIGNORINI, I. (org.) [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p.157-184.
- _____. (2006) História, discurso e poder em Michel Foucault. In: RAGO, M.; VEIGA NETO, A. (orgs.). *Figuras de Foucault*. São Paulo: Autêntica Editora. p. 119-127.

- BUZATO, M. E. K. (2006). *Letramentos Digitais e Formação de Professores*. III Congresso Ibero-Americano EducaRede. 29 a 30 de maio. São Paulo.
- CANUT, C. (2007). *Une langue sans qualité*. Limoges: Lambert-Lucas. p.49-68.
- CATONE, J. (2010). A look back at the last 5 years in blogging. Disponível em: <<http://mashable.com/2010/08/03/last-5-years-blogging/>>. Acesso em: 27 ago. 2010.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 30 ago. 2010.
- COURTINE, J.-J. (1981). *Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens*. *Langages*, n.62, jun/1981. 128p.
- CRYSTAL, D. (2005). *A revolução da linguagem*. Trad.: Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- DEBRAY, R. (1991). *Curso de midialogia geral*. Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993. 419p.
- DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. (2010). Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php>. Acesso em: 30 ago. 2010.
- ECO, U. (2002). Auteurs et autorité. Disponível em: <http://www.text-e.org/conf/index.cfm?fa=texte&ConfText_ID=11>. Acesso em: 01. ago. 2003.
- FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. 5.ed. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 239p.
- _____. (1970). *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. 79p.
- _____. (1976). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 13.ed. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999b. 152p.
- FUSCA, C. J. (2008). *VC TC D OND?: a abreviação (de distâncias) na internet*. São José do Rio Preto. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. previsto para 2011. Orientador: Profa. Dra. Fabiana Komesu; coorientador: Profa. Dra. Luciani Ester Tenani.
- KOMESU, F. (2004). *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna. p.110-119.
- _____. (2005). *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. Campinas: 2005. 271f. Tese (Doutorado) em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Aباurre.
- _____. (2009). Oralidade e letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital. Relatório Científico Final IV apresentado à FAPESP (Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes, processo 04/14887-8, período de vigência: junho de 2005 a maio de 2009).
- _____.; TENANI, L. E. (no prelo). A relação fala/escrita em dados produzidos em contexto digital. *Scripta* (PUCMG).
- _____.; TENANI, L. E. (2009). Considerações sobre o conceito de internetês nos estudos da linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 9, p. 621-643.
- _____.; TENANI, L. E. (2010). Práticas de letramento/escrita no contexto da tecnologia digital. *Revista Eutomia*, v. 1, p. 1-15.
- LADJALI, C. (2007). *Mauvaise langue*. Paris: Seuil.

- LEAL, R. (2009). Twitter: o que você ganha com ele? *Info Exame*, São Paulo, set. p.30-42.
- LEONARDI, M. (2005). A liberdade de expressão em blogs tem limites. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u18409.shtml>>. Acesso em: 30. ago. 2010.
- LUIZ SOBRINHO, V. V. (2010). *Ausência de vírgulas em bate-papos virtuais produzidos por crianças: um enfoque prosódico e discursivo*. São José do Rio Preto. 161f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. Orientador: Profa. Dra. Fabiana Komesu.
- MAMBRINI, V. (2009). A liberdade de expressão na era dos blogs. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/35527_A+LIBERDADE+DE+EXPRESSAO+NA+ERA+DOS+BLOGS>. Acesso em: 30 ago.2010.
- MELO, C. T. V. de. (2004). A análise do discurso em contraposição à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna. p.135-143.
- OLIVEIRA, R. M. C. de. (2002). *Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Bahia: 2002. 214f. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva Palácios.
- PÊCHEUX, M. (1969). Análise automática do discurso (AAD-69). Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad.: Bethânia S. Mariani... [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p.61-161.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Trad.: Péricles Cunha. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad.: Bethânia S. Mariani... [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p.163-252.
- POSSENTI, S. (2000). Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. In: _____. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba (PR): Criar, 2002. p.205-225.
- RECUERO, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- _____. (2010) Twitter, influência e passividade: reflexões. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/twitter_influencia_e_passividade_reflexoes.html>. Acesso em: 09. ago.2010.
- SANTOS, M. (1977). Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método. In: _____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EdUSP, 2008. p.21-41.
- _____. (1994). *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 190p.
- SENNETT, R. (1976). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad.: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHITTINE, D. (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 235p.
- SIBILIA, P. (2003). Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, A. & CUNHA, P. (orgs.) *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre (RS): Sulinas. p.139-152.

TECHONORATI. (2010). Disponível em: <<http://technorati.com/blogging/feature/state-of-the-blogsphere-2009/page-2/#ixzz0xoeYWAtS>>. Acesso em: 27 ago.2010.

Recebido: 25/07/2010
Aceito: 27/11/2010